



## **INFÂNCIA E PRECONCEITO EM *NEGRINHA*, DE MONTEIRO LOBATO**

Maria Ismênia Lima - UEPB

(ismenialima302@hotmail.com)

Jailma da Costa Ferreira - UEPB

(jailma.jdf@gmail.com)

Maria do Carmo Gomes Silva - UEPB

(maria\_economia.ufcg@hotmail.com)

**Resumo:** O presente artigo tem como analisar a partir do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, a questão da construção da identidade negra em nossa sociedade, tendo em vista que pertencer a um meio social requer a autoafirmação e o reconhecimento do ser enquanto sujeito de sua história. Nesse sentido, pensar a identidade negra é, antes de mais nada, pensar a trajetória de um povo e de uma cultura que ainda está em processo de afirmação e de busca pela a igualdade nos mais diferentes espaços da sociedade. Teceremos assim, uma reflexão sobre a infância e os preconceitos sofridos pela personagem Negrinha ao longo do conto.

**Palavras-chave:** Preconceito. Infância. Conto.

### **INTRODUÇÃO**

O Brasil é um país formado por uma grande diversidade de povos e de culturas, junção de diferentes formas de ser e de ver o mundo. Entre os principais povos que contribuíram para a formação do povo brasileiro estão os povos africanos, que, no período da colonização vieram de forma forçada para o país. Esse movimento causou uma grande ruptura na vida dessas populações, uma vez foram tratados de forma cruel e subumana, tendo suas identidades e liberdades renegadas pelos colonizadores que, visando somente o lucro, acabaram por submetê-los a uma dura vida de escravidão e de anonimato nos engenhos e senzalas espalhados pelo Brasil.

Com o passar dos anos, a presença dos povos africanos e de seus descendentes foi lentamente se modificando, adquirindo novos modos de ser, mas isso não significou a sua inserção dentro da estrutura social de forma favorável, uma vez que grande parte



da sociedade construiu desde o período escravocrata uma visão deturpada e preconceituosa com relação aos negros e negras africanas. Com relação às mulheres negras, a sua presença foi marcada por duplo preconceito, de raça e de gênero, uma vez que o sujeito feminino também teve uma longa história de submissão e inferiorização por causa da conjuntura social que foi fortemente marcada pelo patriarcalismo.

Assim, ao se perceber a presença das mulheres negras no decorrer da história brasileira, constata-se que há uma busca pela afirmação de uma identidade étnica e racial, que se dá muitas vezes pela permanente rememoração da cultura e dos costumes dos antepassados, como forma de valorizar e de mostrar a riqueza do povo africano. Nesse sentido, procuraremos por meio da análise do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, perceber as marcas de preconceito presente ao longo do conto, bem como perceber a importância do tema infância para a construção da narrativa. Para tanto, contaremos com a contribuição teórica de autores como Fonseca (2006), Proença Filho (2004) e BIGNOTTO (2006).

### **Rememoração histórica: trajetória dos povos negros no Brasil**

Após o fim do longo período escravocrata no Brasil surgiu a questão da democracia racial, espalhando-se a ideia de que existia uma realidade que proporcionava a igualdade de direitos para todos e de maneira igualitária na sociedade. Nesse sentido, todos os cidadãos, sem distinção de raças, estariam sob as mesmas condições de desenvolvimento humano e social, havendo assim uma sociedade harmoniosa e sem preconceitos. Essa construção ideológica favoreceu o silenciamento sobre as mais variadas práticas preconceituosas e segregacionistas, que acabaram por impor aos negros e afrodescendentes a impossibilidade de acesso aos direitos fundamentais de todo cidadão. Segundo Fonseca (2006):

Livre da escravidão, mas vitimado por intensa pobreza e preconceitos e não protegidos por qualquer política de integração à sociedade, ficou à margem dos projetos de identidade nacional ou neles só pôde figurar enquanto força de trabalho, que sustenta a mesma ordem que o exclui (p. 90)

Essa realidade tornou-se um obstáculo para a convivência e a manifestação identitária dos homens e mulheres negras no Brasil. Tendo na cor de sua pele o sinal de pertencimento a um determinado grupo étnico, esses sujeitos se vêm muitas vezes rodeados por olhares de julgamento e de preconceito, que terminam por enquadrá-los



dentro de estereótipos construídos ao longo do tempo e que tiveram sua origem a partir do período escravista. Mesmo nos projetos de feição ufanista que exaltavam acriticamente os valores e tradições nacionais, percebe-se uma ideologia de exclusão do diferente, que aprisiona o negro em lugares e em funções marginais (FONSECA, 2006).

Ao pensar a trajetória dos negros em nossa sociedade, percebemos a força que teve a construção de uma imagem negativa com relação ao continente africano e os seus habitantes. Essa construção influenciou decisivamente para a permanência da estrutura entre colonizador e colonizado, contribuindo também para a destruição de parte da memória coletiva dos afrodescendentes. Assim como na sociedade, no meio literário a presença da pessoa negra também foi marcada pelo distanciamento e pelo estereótipo, através do olhar e da fala do branco sobre os negros, em uma posição que não permitia o discurso do sujeito negro.

Em sua análise, Proença Filho (2004, p. 161) ressalta que “A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade”, mostrando que no discurso literário nacional surgiram dois posicionamentos diferentes com relação ao negro: a visão distanciada, em que ele é tratado como objeto e o negro como sujeito, em uma atitude compromissada. A representação do negro por meio de um distanciamento é marcada pelo olhar do branco, que delega aos personagens negros à marginalidade, descentralizando e anulando qualquer possibilidade de ocupar a centralidade da palavra e tornar-se sujeito da enunciação. Sobre a escrita do branco com relação ao negro, Proença Filho (2004) afirma que:

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante. (p. 161)

Ao tecer uma longa análise sobre as mais diferentes e variadas obras de nossa literatura nacional desde o século XVII até a atualidade, Proença Filho (2004) vai ressaltar que em grande parte desses escritos o negro ou mestiço são camuflados sob variados estereótipos, que vão desde aquele em que a presença do negro aparece como um elemento perturbador da ordem social, visto como algo negativo para a sociedade, até aquele em que há uma romantização na descrição do negro heróico, passando



também pela imagem do negro humanizado e pacífico, vítima sofrida de sua condição, além de sujeito tranquilamente integrado ao conjunto do povo brasileiro.

Essas visões construídas por grande parte dos escritores, principalmente aqueles do século XIX acabaram por influenciar a formação de um pensamento que ajudou a camuflar o preconceito arraigado na sociedade. Nessa perspectiva, os negros eram vistos como sujeitos dóceis e resignados, integrados à sociedade e que, principalmente, sabem reconhecer o lugar que lhes foi imposto socialmente (PROENÇA FILHO, 2004). Entretanto, esse comportamento pacífico e de submissão, começou a ser repensado a partir dos anos finais do século passado, com manifestações literárias de autores que compromissados com a afirmação cultural e identitária dos afrodescendentes, assim como pela reivindicação de sua legítima integração à sociedade, indo além dos estereótipos e distorções (PROENÇA FILHO, 2004).

Essa nova realidade é marcada pela escrita de muitos autores negros, que procuram ressaltar a condição real dos afrodescendentes, como também buscam mostrar e valorizar a riqueza cultural dos povos africanos, em uma atitude, muitas vezes marcada pelo retorno às raízes ancestrais, como forma de legitimação e de modo a reconstruir uma história que foi tragicamente marcada pelo período escravista. Nesse sentido, percebemos que é longo o processo de desconstruir estereótipos, de repensar a posição da população afrodescendente no Brasil, com vistas a construir uma nova história em que a cultura, os costumes e tradições dos povos africanos possam ser valorizados e reconhecidos.

Desse modo, é preciso repensar também a questão da cidadania, com ênfase na busca por garantir que os direitos fundamentais de todo cidadão, possam também ser garantidos à população negra. Dessa forma, procurando a valorização e igualdade entre as pessoas, respeitando suas diferenças e singularidades, faremos com que todos possam ter voz.

### **Reflexão sobre as marcas de preconceito em *Negrinha***

O conto "*Negrinha*" foi escrito por Monteiro Lobato e publicado em 1920, em livro do mesmo nome. No conto Monteiro Lobato procura refletir sobre a condição da pessoa negra na sociedade, pouco tempo depois de abolido o regime escravista no Brasil. O conto retrata a história de uma menina órfã de sete anos, conhecida



simplesmente por Negrinha e que foi criada por Dona Inácia, uma ex- senhora de escravos. A relação entre ambas é marcada pela violência e medo, uma vez que Negrinha é constantemente agredida pela senhora. A história tem início com a descrição das características físicas da menina, em seguida há o esclarecimento de sua origem.

Negrinha é uma menina órfã, de apenas sete anos, mulata, nascida na senzala, de mãe escrava. Com apenas quatro anos, perde a mãe e passa a viver escondida nos fundos escuros da cozinha da casa de Dona Inácia, deitada em esteiras e trapos sujos e sendo tratada com desprezo por todos. Negrinha vivia escondida na cozinha para não provocar a ira da dona da casa, uma vez que esta, apesar de ser uma boa senhora perante a sociedade, não admitia de modo algum ouvir barulho de criança chorando. Qualquer coisa era motivo para Dona Inácia agredir Negrinha, ou mesmo quando não havia motivo algum, a menina se via rodeada por cocres, pontapés, tapas. As agressões eram um contínuo na vida da pobre órfã.

Em Dona Inácia está uma dualidade: para a sociedade ela é uma senhora generosa e de boa alma, que faz caridade cuidando de Negrinha: “Excelente senhora, a patroa (...) amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu” (p. 307). No entanto, dentro de sua casa, ela é pura maldade, principalmente para a menina. Fazer a vida de Negrinha cada dia mais difícil é a alegria de Dona Inácia. A menina era o remédio dela para descontar a raiva que tinha de a escravidão ter acabado, pois anteriormente ela era uma senhora de escravos. Assim tem-se as características ideológicas de Dona Inácia: racista e preconceituosa. Essa personagem é a representação de uma sociedade mergulhada nos ideias racistas e discriminatórios, que acabavam por colocar à margem os sujeitos, privando-os dos direitos fundamentais de todo cidadão.

A personagem principal é chamada por todos pelo o apelido de Negrinha, uma vez que ninguém nunca lhe deu um nome de verdade. Assim, podemos perceber que esse detalhe corrobora ainda mais para olharmos a menina não com um olhar que enxerga não o indivíduo, mas a representação de um coletivo. Para eles, Negrinha não era digna nem de ter uma identidade própria, não era um ser humano, desse modo, apelidavam-na de todo tipo de nomes feios e pejorativos: “*Estava escrito que não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste...*” (p.308). Inclusive o nome Negrinha é colocado também de modo pejorativo, como forma de diminuí-la. Adquirir



um nome é, segundo Camara Cascudo (1985), iniciar existência religiosa e civil de uma criatura, e o sujeito desprovido de nome resume-se a apenas uma perspectiva de direitos até que lhe imponham um nome. Sem o nome não há batismo, documentos, identidade social ou identidade individual, o sujeito não se constitui enquanto tal.

Ao observarmos as minúcias da construção narrativa de Monteiro Lobato, percebemos que: “Lobato situa a história de Negrinha em um tempo em que a escravidão havia sido abolida por lei – mas leis não têm força para abolir costumes culturais ” (BIGNOTTO, 2006, [s.p.]). Negrinha não é apenas uma simples menina negra, mas é a representação de uma classe, de um povo que foi terrivelmente submetido à escravidão e que estava vivendo um momento de liberdade, mas também de adaptação junto à sociedade.

No conto há uma luta de ideologias que se perfazem e se relacionam, de um lado está Negrinha, a representante de um povo que conseguiu se libertar de uma estrutura escravista e excludente, mas que agora tem outra batalha para travar, buscar se inserir dentro da sociedade, construir uma história e procurar ter garantido os mesmos direitos que os brancos. De outro lado está a personagem Dona Inácia, mulher que representa a resistência de uma sociedade que não se conformava com a nova realidade advinda com o fim da escravidão.

Um dia, por culpa de uma criada da casa, Negrinha acabou sendo dolorosamente castigada por Dona Inácia. O castigo fora o do ovo quente. A própria Inácia colocou um ovo para ferver na água e esperou até que estivesse bem quente. Em seguida, retirou-o e mandou que Negrinha abrisse a boca. Ao fazer isso, a senhora colocou rapidamente o ovo na boca da menina e fechou-a com a mão para esta não gritar. Negrinha sentiu uma dor terrível, mas teve que aguentar toda a dor sem poder fazer barulho. Enquanto isso, Dona Inácia assistia satisfeita o castigo da menina. Quando estava tudo terminado, ela retornava tranquilamente para sua cadeira de balanço na sala de jantar. E assim transcorria a vida de Negrinha naquela casa.

Até que um dia, no mês de dezembro duas meninas, sobrinhas de Dona Inácia, foram passar as férias em sua casa. As meninas adentraram a casa sorrindo, brincando e fazendo barulho, isso despertou a atenção de Negrinha, que ficou encantada com as meninas e viu também que Dona Inácia não estava se importando com o barulho. Então, saiu do canto da parede onde estava, indo para perto das meninas. No entanto, ao fazer



isso foi repreendida pela senhora, que mandou-a colocar-se em seu lugar. Chorando, Negrinha voltou para onde estava. Porém, quando viu chegar uma mala com os brinquedos das meninas, ficou encantada, principalmente com uma linda boneca de louça e, aproveitando que Dona Inácia tinha saído, se aproximou dela, ficando paralisada. Negrinha nunca tinha visto uma boneca na vida. A infância é representada no conto

As meninas, vendo a admiração de Negrinha pela boneca, deixaram que ela a pegasse. Esta, olhando para os lados, para certificar-se da ausência da senhora, foi e pegou a boneca. Nesse momento, Dona Inácia entrou na sala e se deparou com a cena, mas, vendo a alegria das meninas por causa do comportamento de Negrinha, e também a alegria desta, ficou parada, olhando a cena. Ao perceber a presença da senhora, a menina se apavorou, pensando nos castigos que lhe viriam. No entanto, para surpresa de todos, Dona Inácia, não só não castigou a menina, como também deixou que ela brincasse livremente com as meninas no quintal da casa.

Quando as férias das meninas acabaram e estas foram embora, o clima na casa passou a ser outro. Os castigos contra Negrinha cessaram, Dona Inácia quase não a incomodava mais. Depois que as sobrinhas da senhora partiram, levando a boneca, Negrinha não foi mais a mesma, caiu numa grande tristeza. Seus olhos perderam a expressividade, ela passou a ficar quieta pelos cantos, sem energia. Os dias passados com as meninas e a boneca, fizeram uma transformação em Negrinha. Nunca mais ela voltou a ser como antes.

*“Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa – e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!” (p. 311)*

O momento em que Negrinha se percebe enquanto um ser humano como qualquer outro, é um ponto simbólico e estruturante para toda a construção ideológica do conto, pois podemos perceber que não é apenas a descoberta que uma menina faz perante a sua pequena realidade, mas é uma reflexão sobre as condições de todos os povos negros. É também a dura constatação de que os sujeitos por motivos ultrapassados e irracionais são capazes de excluir o seu semelhante, de privá-lo de melhores condições de vida e de igualdade de direitos.



Em *Negrinha*, Monteiro Lobato inscreve os ideais do início do século XX, em que começava a se delinear uma nova realidade social que pretendia se desprender das amarras do período escravista, buscando assumir lugares dentro da sociedade, de modo a construir uma nova história.

### **Algumas palavras...**

Ao lermos o conto *Negrinha*, podemos perceber a carga emocional presente em seu enredo. *Negrinha*, pura e inocente sofre na própria pele o preconceito e racismo de uma sociedade excludente, que tratava as pessoas de acordo com a cor da pele. Relacionando o conto à época em que se passa o enredo, a mensagem que fica é que para o negro não há espaço na sociedade.

Ao entrarmos em contato com a triste história da menina *Negrinha*, podemos perceber que ela é a representação de um povo que lutava para se incorporar à sociedade, depois de um longo período de escravidão. Essa inclusão não foi nada fácil. Na verdade, os negros ainda hoje lutam por terem seus direitos respeitados, por mais espaços na sociedade e por terem sua história e cultura reconhecidas.

### **Referências bibliográficas**

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). Visibilidade e ocultação da diferença. In: **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: **Estudos avançados**. São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-163 apr. 2004.

BIGNOTTO, Cilza Carla. Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato. Campinas: IEL/Memória, 2006.

CAMARA CASCUDO, Luis da. Superstição no Brasil. São Paulo: Edusp, 1985.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. In: **Contos completos**. 1- ed. – São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.